

Pindorama

REVISTA DE CRÍTICA E LITERATURA

Rubens de Mendonça
CUIABÁ - M. GROSSO.

PS
FREÇO

DIREÇÃO :

Gervásio Leite

J. B. Martins de Mello

Rubens de Mendonça

Cuiabá - Mato-Grosso



Pindorama

REVISTA DE CRÍTICA E LITERATURA

— Aparece nos dias 1.º e 15 —

Redação: Rua Comte. Costa, 101 — Fone 42

Ser... eis a questão

DIREÇÃO

Cervásio Leite

J. B. Martins de Mello

Rubens de Mendonça

De um lado a rotina, a desmoralização, a pasmaceira, a agonia. Na outra margem os espíritos sedentos de novidade, a vida, o movimento, a energia. Sempre duas gerações que se combatem, que se mutilam, que se destróem.

Nunca num mesmo plano o velho e o moço comparecem para discutir os seus problemas. Sempre a intolerância.

Se o velho, esfriado pelos anos, toma uma atitude passiva diante da vida, não acompanha o ritmo da Idade Nova, petrifica-se na sua geração e se esquece no passado, o moço, por sua vez, levado pelo entusiasmo da idade, pelo ardor dos anos, desrespeita o passado, despreza a tradição, e se embriaga com as conquistas modernas. E' êle o lógico, o razoável, o justo.

Este o programa de uma revista de moços
— NOVIDADE E ATUALIDADE.

A geração moderna deve procurar nas cousas atuais elementos para construir um mundo melhor.

Se as possibilidades são poucas, muitas são as esperanças.

ANO I — N.º 1

1.º de Junho — 1939

UIABÁ M. Grosso

TOBIAS

por Gervá

Com Tobias Barreto o pensamento brasileiro ganhou densidade e profundidade. Êle inicia o Brasil na filosofia. Até então o brasileiro era poeta, essencialmente poeta. Só a alma compreendia. O cérebro estava mudo, ainda não sabia falar. Em suma, vivia-se na superfície. Esfrolava se. Com Tobias começamos a viver com o cérebro. Descemos ao sub-sólo.

Na paisagem intelectual do Brasil de então êle foi um caso novo, extranho e grande. A inteligência brasileira era um lago plácido, Tobias um mar revólto, um mar tempestuoso, que muitas vezes crescendo turvava a agua dos lagos estagnados. Das suas lutas nasceu a luz. O provérbio realizou-se nele. Ninguém, senão Silvio Romero, lutou como êle procurando a verdade. Mudava de idéias como de sapatos, porque, como dizia "não sou do número dos que, uma vez julgando-se de posse da verdade, nunca mais se convencem de que tomaram cobre por ouro" e vivem capacitados de ter tudo quanto é preciso, de nada deverem acrescentar ao capital adquirido". Era a sêde de descobrir, a ância de conhecer. Para isso lutou. O seu comêço na Baía e os primeiros tempos em Recife foram duros. Foi na Baía que desesperado por falta de dinheiro deu se o fato que Silvio Romero relata: "deitado em sua rêde, lia a coleção de prosadores e poetas de Charles André; a alma estava

enegrecida pelo desmoronar de todos os planos; num momento de impaciência atirou pelos ares o livro, que foi cair esparramado a um canto da sala. Levantou-se, apanhou o, estava aberto numa página onde se liam uns versos, entre os quais se achava êste: *on perd son avenir par trop d'impatience...*" E Tobias foi um gênio impaciente. Viveu aos saltos, explodindo continuamente.

De ascendência humilde, mulado num meio que detestava o mestiço, teve que sempre combater êsse preconceito. A sua arma foi a inteligência. Daí seu orgulho. Batahou para conquistar o seu lugar ao sol. E lutando foi vivendo: formou-se em direito. Briga com Castro Alves. Não podia tolerar uma sombra na glória, e o baiano era maior que êle na poesia. E de repente, afundando-se pela cultura germânica nos seus 10 anos em Escada, voltou á tona filósofo, jurista, crítico e polemista, sabendo muito, comentando tudo.

Professor na Faculdade de Recife formou uma geração que conta com Clovis Bevilacqua, Graça Aranha, Artur Orlando, Araripe Junior, Abelardo Lobo, etc. Em 1875 publica "Ensaios e Estudos" e em julho desse mesmo ano começa redigir o jornal alemão *Deutscher Kampfer*, cuja vida não foi além do quinto número. Em 76 publica "Brasilien wie es ist", e em 78 o "Eia Brief an die

BARRETO

sio Leite

deutsche Press". E' de 79 a publicação do celebre "Discurso em manga de camisa" pronunciado em 77 no Clube Popular da Escada onde traça as normas da sua conduta política.

Depois de 10 anos de lutas amargas e estudos sérios, Tobias candidata-se a uma cadeira de professor na Faculdade pernambucana, como substituto. O seu concurso foi brilhantíssimo confundindo examinadores, candidatos e alunos. Ensinou durante 7 anos incompletos as cadeiras de filosofia do direito, direito público, direito criminal, economia política e prática do processo. Pregou da cátedra o Evangelho dos tempos novos, doutrinando dentro das correntes mais avançadas do tempo. O direito dizia, não é uma idéia apriorística, não é um postulado metafísico, nem caiu do céu sobre nossas cabeças, não é também uma abstração resultantes das leis da evolução, que ainda se acham em estado de incógnitas, mas é a disciplina das forças sociais, e princípio de seleção legal na luta pela existência. Ensinava tendo presente os seus princípios filosóficos, que eram o monismo, o sistema da vontade de Schopenhauer, e o selecionismo de Darwin. Para ele o direito natural era "uma tolice", porque se o direito era uma criação racional a razão que entra na formação de um corpo de leis, ainda que seja perfeito e acabado como

o corpus juris civilis, é e mesma, exatamente a mesma, que assiste ao delineamento de um edifício, ou a confecção de um par de sapatos. Dizia: "Reflitam, e verão que a verdade é esta. A razão é tão necessária para escrever-se, por exemplo, um compêndio de direito natural, como é necessária para fazer-se um par de botas, ou um par de tamancos. A prova é que, se os chamados animais irracionais não tem compêndios de direito natural, também não têm tamancos nem botas". No seu estudo. — Uma nova concepção do direito, publicado no volume intitulado "Questões Vigentes", lembra que o direito, é uma obra do homem, ao mesmo tempo uma causa e um efeito do desenvolvimento humano. Logo adiante diz: "A ciência do direito é uma ciência de seres vivos; ela entra por conseguinte na categoria da fisiofilia ou filogenia das funções vitais. "Como Ihering acredita que o direito é um fenómeno teológico, "através do qual a sociedade se assegura condições necessárias á sua existência."

Até hoje não se calculou a soma extraordinária de benefícios, a enorme contribuição que a sua obra representa na formação cultural do Brasil. Os seus livros ainda hoje são utilíssimos e nele encontramos esse Tobias que soube ser maior que o meio e que, sacudindo as idéias encane-

(Conclue no fim do nº.)

B

*Minha boneca oriental, querida,
Bibelot Japonês do coração,
Tens nos olhos oblongos refletida
A doçura das noites do Japão !..*

I

B

*E quando junto a mim entristecida,
Nas noites brasileiras de verão,
Ficas nos meus abraços comprimida
Ardente de volúpia e de paixão...*

E

L

*Morena geisha beijo-te na boca..
Sugo te os lábios numa ânsia louca
Meu doce bibelot de porcelana...*

O

T

*Na febre deste amôr que me devora
Arrojo-me aos teus pés, bem como outrora,
Byron beijando os pés da Italiana !..*

Soneto de Paulo Ambard

PÁGINA CÉLEBRE DA LITERATURA BRASILEIRA

Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, venerável epônimo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencóreo, onde tremeluzem ás vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céu as palmas tesas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me apareces como o poema vivo de uma raça quasi extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tribus, como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além!

Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cego da Iliada comovem mais do que tu.

pois, nitre com fôrça apelidando a favorita da tropilha' que morde o capim mimoso da margem da lagoa.

Junto de ti, á noite, quando os outros animais dormem, passa o cangussú em monteria; quando volta, a carne da prêa lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passasse junto de ti, há dois séculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupí, escravo dos de Piratininga, parou então extático diante da velha palmeira e lembrou os tempos de sua independência, quando as tribus nômadias vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evoé!

Gerações e gerações passarão ainda, antes que séque esse tronco pardo e escamoso

A terra que te circunda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó

Burití perdido

Afonso Arinos
Pertenceu á Academia Brasileira

vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Atalaia grandioso dos campos e das matas — junto de ti pasce tranquilo o touro selvagem e as potrancas ligeiras, que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longínquas em demanda de outras mais quietas e solitárias, e que dominas, velha palmeira com tua figura ereta, quêda e magestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, rodoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambores de guerra.

O corsel lubuno, pastor da tropilha, á sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fóra da testa a crina basia do topete, que lhe encobre a vista; relincha de-

epônimo, e o conservarão.

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sóco, velho Burití Perdido. Então, como os hoplitas atenienses cativos em Siracusa, que conquistaram a liberdade enterrecendo os duros senhores á narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando teu direito á vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extintas, uma página sempre alerta de um poema que não foi escrito, mas que refere na mente de cada um dos filhos desta terra.

Cantor de P. R.

De J. B. Martins de Mello

Preto, desses que brilham ao sol, musculoso e com lábios grossos e vermelhos, Mané Timbório era o tipo predileto da moçada do bairro, dentre todos os que frequentavam assiduamente as reuniões das sete horas da noite, na vendóla do Zéca Português.

Um dia a Saturnina, morena preta de seus dezenove janelos, disse ao preto que êle parecia o herói da Boneca de Pixe, cena carioca de Ary Barroso para o Carnaval de 1939. E Timbório ríra quando da boca da mulata saíram aquelas palavras.

Era carregador e, á noite, na vendóla do Zéca, contava as proezas do dia.

Tocava violão sem conhecer música e fazia serenatas ás mulatas dengosas do bairro. E por isso, alguns D. Juan da côr da noite não olhavam com bons olhos o forte neto de Africano.

Quando cantava, Mané Timbório sorria com o coração e com a alma, imaginando cousas dou-

tro planeta. Via-se ao lado de um microfone de estação de rádio, com um violão de conto e quinhentos nos braços, e ouvido pelo Brasil inteiro, que noutro dia, escrevia-lhe dando parabéns e pedindo sua fotografia com autógrafo.

Lá na venda do Português, êle disse muitas vezes:

—Dure o tempo que durá, e eu vô mesmo cantar no Rádio. Vocês hão de vê. Dois conto e bico por mês...

Todos sorriam e, quando Mané Timbório deixava a venda, Toninho, admirador do preto, olhava pra turma e convicto da ver-

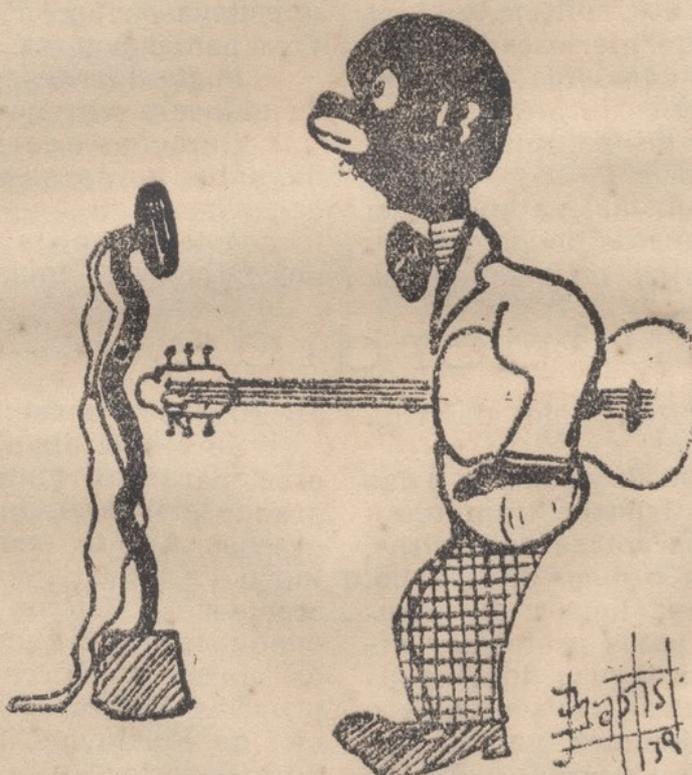
dade, dizia:

—Eu não duvido nada. Mané tem beça...

O resto aplaudia e Timbório ia ganhando prestígio no bairro. Quando o viam, murmuravam as pequenas.

—P'ra tocá violão, não vi ainda como aquele.

Ganho o prestígio na sua zona, Mané Timbório achou que po-



Do cérebro alheio

Eu sou contra o equilíbrio. A-
cho que a gente deve cair para po-
der se levantar.

Alvaro Moreyra.

O mal da gente modesta é obri-
gar-nos a sempre falar dela.

Valdel.

Experiência não é aquilo que
sucede a um homem E' aquilo que
um homem faz com o que lhe sucede.

Aldous Huxley.

O Estado quer saber se os me-
ninos aprendem—e porque antes,
não procura saber se eles comem.

Tobias Barreto.

Só há verdade na existência
quando sentimos seus atos como
irrevogavelmente necessários.

Ortega y Gasset

Rir constantemente prova uma
certa falta de capacidade cerebral;
viver numa permanente satisfação
de tudo e de si próprio, é quasi in-
ferior.

Knut Hamsun

deria tornar-se mais popular, fa-
cilitando assim o seu ingresso no
broadcasting brasileiro.

Pensou e praticou. Resolveu
fazer uma serenata na cidade. Só-
sinho, acompanhado apenas pelo
violão de cinquenta mil réis que
possuía, o negro dirigiu-se para
o centro, e, alta noite, quando a
lua brilhante e os milhões de es-
trelas brincavam de esconde-es-
conde com umas nuvens lindas,
Timbório olhou aquele céu belo
de noite de Maio, sorriu alegre,
abriu a boca enorme, e o samba
velho ecôou:

Sou dotô em samba
Quero tê o meu ané-é-é...
Tenho esse direito
Como quarqué bacharé!

Não terminou. Ouviu o apito
conhecido dos malandros, e logo
um fardado pegou-o pelo braço e
pediu-lhe que o acompanhasse.
Timbório quis explicar, mas o sol-
dado não deu atenção.

—Isso que não, moço. Políça
não me prende.

Bofetada. Sôco. Pisada. Um
policial estendido no chão.

* * *

Mal humorado, com o corpo
dolorido, pois passara a noite
tôda em claro, naquele sujo quar-
to, Mané Timbório dizia consigo
mesmo:

—Se ao menos estivesse co-
migo o violão... E se houvesse
aqui um microfone... Eh, diacho,
eu tava rachano...

...Na P. R. K. 7, Rádio Socie-
dade Cadeia Pública...

(Do livro "Prosa Ligeira", a sair breve).

Todos que se interessam pela cul-
tura do Estado devem auxiliar a
publicação de *Pindorama*.

O MUNDO EM FÓCO

A crise político-social do mundo moderno chega ao seu ponto máximo. A mensagem de Roosevelt, que é um apêlo veemente dos países democráticos aos estados totalitários e a aproximação soviético-alemão, são os dois fatos mais importantes no cartaz da política internacional.

O primeiro fato é em si altamente significativo. É a mensagem da serenidade e do bom-senso americano á Europa desvairada pelos delírios mavórticos e serve para retratar e para provar a intenção pacifista do grande presidente norte americano. Até agora essa tem sido a posição da America do Norte, posição que não só dignifica o país, como também os outros países democráticos, pois os Estados-Unidos são no momento o porta-vóz dos grandes princípios da Democracia. No entanto é necessário assinalar que essa mensagem não significa temor da parte dos Estados-Unidos. Está o povo americano disposto a defender os princípios democráticos como a soberania dos povos americanos, como eloquentemente afirmou Cordell Hull na conferência de Lima. É necessário porém serenidade e sobretudo evitar uma guerra terrível sobre todos os pontos de vista, e essa atitude do presidente Roosevelt é digna de ser levada em consideração neste momento dramático do mundo moderno.

O segundo fato importante neste momento internacional é a falada aproximação da Alemanha e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Parece que essa aproximação se dará uma vez que o governo de Stalin concedeu demissão a Maxim Litvinof, que sempre se mostrou contrário a uma apromixação com o govêrno de Hitler. Em 1934 a Rússia, ingressando na sociedade das Nações, tacitamente aderiu ao bloco democrático, como depois ela iria formal e expressamente fazê-lo. É por isso que se deve comentar com certa reserva essa pretensa aproximação pois a atitude mantida pela Rússia até agora tem sido de franca repulsa á política dos estados facistas, como também essa tem sido a atitude dos países do eixo Roma-Berlim diante da Política do "império" comunista. Dada essa irreconciliabilidade e sobretudo tendo em vista os compromissos franco soviéticos, devemos observar apenas sem arriscar a um comentário que por certo será descabido, pois a política internacional tem sido feita ultimamente com golpes de teatro. Aliás mau teatro, péssimo mesmo.

Que se faça algo em benefício da paz é o que podemos desejar.

O BRASIL EM REVISTA

O país atravessa uma fase de otimismo. Abafados os movimentos anti-patrióticos e inaugurada a nova política brasileira, com o golpe de 10 de Novembro de 1937, entramos no período construtor da Revolução de 30. Só agora será possível, ou melhor, está sendo possível desenvolver o patriótico programa do Chefe do governo. Declarou ainda recentemente o sr. Francisco de Campos, ministro da Justiça, que "o regime está, efetivamente, em pleno e harmonioso desenvolvimento, e os seus frutos — materiais e morais — são patentes aos olhos de todos. Passam, assim, do terreno das conjeturas ao terreno prático, os problemas vitais do país, e temos a certeza de conseguir, com ferro e combustíveis nossos, fabricar arados para lavrar a terra, fundir canhões que nos defendam, temperar aço que proteja os nossos navios e armar aviões para cobrir os céus do Brasil, voando com as nossas próprias asas. São palavras do presidente, que não é demais lembrar." Continua ainda o eminente titular da pasta da justiça: "Esse fecundo trabalho de construção da economia e do poder da nossa pátria — é ainda o presidente que o nota — não teria sido possível se não tivéssemos encontrado forma de governo ajustada à nossa índole e em continuidade com as nossas tradições."

Essas palavras do professor

Francisco de Campos são oportunas e justas, pois foi só na contextura patriótica do Estado Novo que o Brasil encontrou campo propício ao seu desenvolvimento, clima favorável ao seu progresso. Por toda parte já se sente o resultado benéfico da nova situação. Viação, comércio, indústria, agricultura, operariado, forças armadas, enfim todos os setores do progresso e da segurança do país sentem a influência vitalizante dos novos destinos da nacionalidade. Hoje o pessimismo dos velhos tempos de partidos e de política não mais existe. Acima dos interesses partidários, políticos, pessoais, inconfessáveis, anti-patrióticos estão os interesses maiores, necessários, prementes do Brasil.

Mato Grosso, também seguindo as pegadas do país vai afirmando-se aceleradamente no caminho do progresso. Reformas que se realizam, serviços que se efetivam sob a direção e a fiscalização de Julio Muller, que olhando todos os setores de atividade da gente matogrossense, prepara um Mato-Grosso mais forte dentro de um Brasil maior.

Neste momento de atividades intensas e de esplêndidas realizações nacionais é necessário aplaudir e apoiar o presidente Getulio Vargas, que sintetisa em si as virtudes mais altas da nacionalidade.

O
H
O
M
E
M
D
E
O
N
Z
E



M
I
L
C
I
D
A
D
E
S
(CONT.)

NÃO era alemão, se bem que o seu nome — von Bergent, nome paterno, desse uma idéia da Alemanha. A culpa não era dele, é claro. Nasceu em pleno mar, circunstância que os seus amigos usariam no futuro para justificar suas maluquices.

Como seu pai não soubesse — imigrava para os Estados Unidos — que nacionalidade dar ao filho, se a americana ou a alemã, resolveu, com brio e ânimo registrar o *baby* como argentino. E assim von Bergent, chamado na intimidade Panchito, cresceu como argentino. E foi negócio vantajoso. Basta dizer que na guerra, êle se viu livre do *front*, porque, como é sabido, a Argentina não foi na onda europeia.

Desde criança que os pais notavam no precioso rebento singulares tendências para viagens. Na idade dos desvanecios e dos sonhos Panchito deliciou-se com Julio Verne. Viajou 20 mil léguas submarinas, foi ao centro da terra, aventurou-se da terra á lua, rodou o mundo em 80 dias, acompanhou os 3 ingleses e os 3 russos nas aventuras, enfim viveu todos os livros de viagem porque era tamanha a fôrça de sua imaginação que os sofrimentos e as alegrias, as esperanças e as desilusões dos heróis, eram também dele que até adoecia. Assim von Bergent foi crescendo. Na idade dos amôres, das festas, das farras, consultava

Joel Corrêa Junior *escreveu*

J. Baptista *ilustrou*

livros, roteiros, mapas, guias preparando-se para uma viagem interminável. O tempo restante empregava no estudo de línguas. O seu francês era de um parisiense, falava espanhol como um madrilenho e praguejava em italiano com a perfeição e a graça do napolitano. E assim foi com o português, com o russo, com outras línguas estranhas e dialetos bárbaros.

Preparava-se para pôr em execução o plano nascido na infância e que estava agora maduro como os seus 25 anos. Felizmente, para êle foi de fato uma felicidade, o velho von Bergent morreu, e, como sua esposa tinha morrido alguns anos antes, Panchito viu-se só no mundo. Só não, com 4 milhões de *dollares* da herança paterna, que iria servir para executar o seu plano fantástico. Fantástico e inadmissível. Sim, porque von Bergen queria *simplesmente*, como dizia, encontrar a perfeição.

Há 3 dias passados eu me encontrei com von Bergent. Ele tem no momento 45 anos, 4 milhões de *dissilusões* e um milhão de *dollares* apenas. Hoje é um cético. Diz mesmo francamente que não acredita em nada, porque nada é perfeito, porque tudo neste mundo e nos outros, que êle duvida existir, traz a marca da imperfeição, e falho. Tornamo-nos íntimos. Êle já me dá o meu apelido-- Tónico e eu trato por Panchito. Ontem, depois de 48 horas juntos, êle ligeiramente embriagado contou-me suas estranhas aventuras.

Em resumo, porque falou 2 horas seguidas; disse-me:

—Em 1920, um ano depois da morte de meu pai, eu saí pelo mundo procurando a perfeição. Não pensa que comecei agindo sem método, tumultuosamente. Não! Fui prudente, tomei o maior número de informações possível. Consultei 10 professores de Universidade sobre o assunto, que, aliás, limitaram-se a dizer bobagens. Bem preparado partí de S. Francisco, na Califórnia, para o Japão. 16 meses perdidos porque tudo no império nipônico, tudo que ví, não me revelou perfeição. Era novidade, apenas. Fui á Rússia atravessando a Ásia, crente que ia encontrar

o mundo novo comentado pelos jornais. 12 meses de permanência convenceram-me que de fato os jornais são mentirosos, porque nada havia de singular, de diferente, de perfeito, enfim não encontrei aquele *algo nuevo*, que já desesperou muita gente antes de mim, com a diferença que eu além do novo queria o perfeito. Viajei a Europa fiz a África, visitando lugares nem de longe sonhados pelos exploradores. Ví coisas raras, estranhas, exquisitesas, mas a perfeição nem de longe. Em tudo havia o qualquer coisa de indifinível que para mim revelava o imperfeito. Foram 4 anos perdidos. Partí para a Oceania, percorri todas as ilhas dos mares do sul, todos os pontos obscuros e ignorados desse vasto mundo e nada encontrei que fosse perfeito. Tive ilusões, julguei muitas vezes ter de fato encontrado a coisa desejada; mas, um exame mais detalhado trazia-me a desilusão. Tentei até uma viagem ao Polo Sul, que fracassou porque apanhei um forte resfriado, que nem êle foi perfeito. Não ví uma paisagem, um mar, um cenário, um monte, um campo, qualquer coisa perfeita. No 8.º ano de viagem ví que estava errado. Eu devia procurar perfeição em detalhes, nunca no todo, coisas grandres, porque a grandeza implica imperfeição. Estava nesse tempo em Winton, uma cidade na província de Queensland, na Austrália, e resolví começar o trabalho por Paris. E assim começou a minha Odisséa. Viajei onze mil cidades, procurando a perfeição da minúcia. Um livro bem escrito, uma obra de arte, um chapéu, um sapato, uma luva, um jornal, enfim, qualquer coisa perfeita. Nada no entanto encontrava. No mundo não existe uma coisa perfeita, um detalhe do qual se possa dizer: "eis aqui a perfeição".

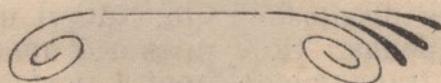
Von Bergent parou um momento. Considerou longamente o dia que morria e pediu um outro *wiskey*. Depois completando a narrativa:

—Há 3 mezes em Montevidéu, já completamente desiludido, saí certa noite andando sem destino, procurando uma distração para acalmar os nervos. Vagando fui afastando do centro da cidade, mas tão distraído que não notava.

Não sei quanto tempo andei, mas recorde-me perfeitamente que cansado procurei um café. Encontrei um de péssima aparência situado num lugar deserto. Mas no estado de espírito que me encontrava isso era coisa de somenos importância. Entrei. E foi um deslumbramento. Sentada numa mesa em frente da entrada estava a mulher mais perfeita que os meus olhos tinham visto. Tudo nela, a boca, o colo, os braços,—que braços—, o busto, tudo enfim, desculpa o abuso de linguagem, era perfeitamente perfeito. Fiquei maluco. O desespero desapareceu, enfim dizia comigo mesmo, depois de quasi 20 anos encontrei a coisa que repito perfeita. Ela me olhava e sorria. Que sorriso, que olhos. Eu já a julgava divina. Era a vitória. Os meus amigos iriam ficar de nariz comprido, desapontados. Ansiado aproximei do caixa afim de arranjar um meio de falar com ela, de levá-la para a América como a coisa mais perfeita do mundo. O caixa olhou-

ms fixamente durante 2 minutos e depois com um sorriso irônico disse-me: o senhor quer *falar* com ela? E' claro respondi, emendando: creio não haver nisso nenhum inconveniente. Ou há?— Não, absolutamente. O senhor póde falar se quiser. Não esperei mais nada. Apresentei-me e comecei a explicar o meu deslumbramento, falei do meu objetivo. E ela limitava-se a sorrir um sorriso lindo. Propus levá-la para U. S. A., mostrei as vantagens que ela teria, e nada.. apenas sorria. Propus dinheiro, aumentei a proposta, e desesperado disse-lhe que seria capaz de transformá-la numa artista de cinema. Nada! Nisso—é uma cena que nunca mais esquecerei—uma outra mulher aproximou-se e me disse: que é isso, você está maluco, não sabe que Anita é surda e muda...

Leitor amigo, que me acompanhou até aqui, diga-me se é possível uma coisa desta e como você resolveria este problema.



RÉSPOSTA AO "BORORÓS TAMBÉM FALAM"

de Lobivar Matos

Lolito, você tem razão. Os bororós também falam, ou pelo menos estão aprendendo a falar. E' que ainda falamos um língua estranha, que não sendo bem a língua portuguesa, não é também castelhana. Nem guaraní. Nem brasileiro. De modo que por aqui, fala-se o esperanto. Ora já é uma vantagem falar o esperanto quanto ninguém acredita nele. Mas vamos adquirindo também o hábito de expressar coisas humanas com esse esperanto, qualidade que é bem apreciável. Saber falar 'humanidade-confesse!' —já é um pedaço bom. Pois nós já sabemos. E até usamos sinônimos que é o cúmulo da sabença. Só que não encontramos éco! Falamos na planície, e vozes nos planos perdem-se, morrem. Daí a gente tornar-se casmurro, interiorizado, difícil. Bancar o programa, falar sósinho na vida é bem duro. Felizmente você e outros falam em nosso nome lá fóra, revelando aos brasileiros espantados a voz e o pensamento de Mato Grosso, principalmente da mocidade matogrossense. Aqui do fundo da taba, temos o prazer de aplaudir a sua voz, natural, violenta, diferente, de índio esperto da tribo dos bororós.

Humorismo

Flêugma britânica

Houve certa vez na Inglaterra, um pavoroso desastre ferroviário. Viajava no trem um baronete com o seu criado. Depois do desastre, onde êle teve apenas uma perna quebrada, sentou-se á beira da estrada esperando socorro. Nisso chega o chefe do trem horrorizado:

— Uma coisa bárbara milord. O criado de V. Excia. ficou reduzido a pedacinhos.

E o baronete, muito calmo:

— O senhor, por acaso, não terá encontrado o pedacinho que segura a chave das minhas malas.

Vida boa

Trecho de uma carta de um judeu a outro:

“Temos tido uma vida estu-penda sob o regime hitlerista. Os judeus não tiveram, siquer, um fio de cabelo cortado. As histórias que circulam pelo mundo a respeito das atrocidades cometidas, não passam de grosseiras mentiras. Tio Jacó que dizia o contrário foi queimado na semana passada.”

Um menino judeu que por acaso foi a uma missa explica aos pais essa cerimônia católica:

— Foi assim: O padre chegou com o chapéu na cabeça; entre-

gou-o ao coroinha que o pôs de lado. Recitou algumas orações e, depois pediu de volta o chapéu. O coroinha procurou-o, mas não o encontrou. O padre, então, voltou-se para o altar, levantou os braços para o céu e perguntou ao Senhor onde estava o chapéu. O Senhor não respondeu. Voltou-se para os fiéis e perguntou-lhes onde estava o chapéu. Os fiéis não responderam. O coroinha tomou uma campainha, sacudiu, e todos os fiéis inclinaram-se procurando o chapéu do padre, mas não o encontraram. O padre fez um gesto de desespero e tomou um gole de vinho para reanimar-se. Depois o coroinha tomou uma bandeja e passou-a entre os fiéis, afim de que o padre pudesse comprar um chapéu novo. Pronto.

Emílio de Menezes, az da anedota no Brasil, estando certa vez parado num café da rua do Ouvidor, foi apresentado a um rapaz que falava seis línguas. Durante longo tempo o rapaz esteve na roda do poeta sem soltar um pio. De repente retirou-se. Um amigo presente quis saber a opinião de Emílio sôbre o poliglota. E o humorista incomparável:

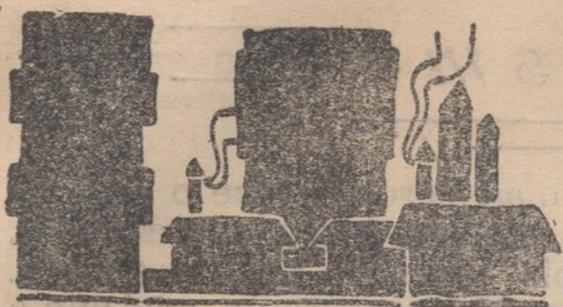
— É um ó t i m o rapaz. Um companheiro ideal.

Como, se êle não disse uma palavra.

— Pois é porisso mesmo. Um sujeito que consegue ficar quieto em seis línguas!

Vida das Cidades

Cuiabá, a cidade que encanta



No meio do mais profundo sertão matogrossense, circundada por verdes colinas que são motivos para belos versos, banhada por um rio cujas águas e lindas margens são verdadeiros encantos da natureza pródiga, está edificada a bicentenária capital matogrossense, com as suas casas estilo colonial, com os seus jardins alegres e bonitos, com as suas igrejas imperiais, com a sua população boa e de proverbial hospitalidade.

“Cuiabá, alvo de monções heroicas de bandeirantes” —, terra onde tudo é quieto e pacato, cidade que encanta o viajante cansado das léguas inúmeras que percorreu para alcançá-la.

Cuiabá tão velha, mas que dia a dia se remoça na sua feição. Terra do ouro, da quietude, da grandeza d'alma, da esperança num porvir grande e melhor — cidade verde!

Cuiabá que afastada dos grandes centros, desligada das congêneres maiores do Brasil, constituiu, heroicamente, uma cultura própria, uma intelectualidade tãda sua, com seu único esforço, com sua única força de vontade.

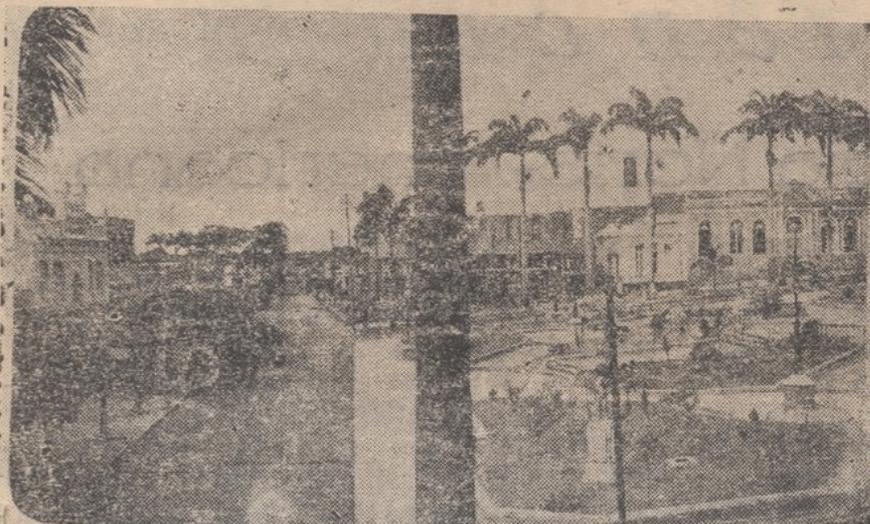
Cidade de heroísmo. Cidade onde tudo é valor, onde tudo é harmonia, onde tudo é grandeza.

Cidade que tem nas ruas mal traçadas e nas praças bonitas e ajardinadas, um quê de agradável e de alegria.



Cuiabá que lembra um passado glorioso de uma raça forte.

Cuiabá, que nos burações existentes no seu perímetro suburbano, nos lembra as escavações a procura do metal precioso, a riqueza que possui o seu subsólo.



Cidade da vida calma. Terra onde tôda gente acata com carinho o forasteiro. Terra onde se nota o sentimento de brasilidade.

Cidade que acompanha bem de perto todos os movimentos da política nacional.

Cidade-pensamento, cidade cérebro de Mato-Grosso.

Cuiabá que é o coração da América do

Sul e que será, mui breve, a guarda avançada do rico Oeste brasileiro.

Cuiabá dos cabelos brancos dos nossos avós, mas da alma moça dos nossos jovens.

Terra onde a mocidade começa a compreender o seu papel no século que atravessamos.

Cuiabá dos títulos bonitos. Cuiabá, cidade que encanta.. Cidade jardim!



Liga Pró Cuiabá

Na última reunião da comissão organizadora da Liga Pró Cuiabá, sociedade de moços que se batem pelo progresso da capital do grande Estado Oeste, e que assim procuram estar dentro dos principios traçados com o advento do Estado Novo.

ficou assentado que esta revista juntamente com o semanário "Correio da Semana" são seus órgãos oficiais.

Esta revista que tem o mesmo objetivo da novel sociedade progressista, sente se envaidecida com tão precioso encargo, pondo as suas páginas á disposição dos espíritos progressistas.



Ciência

A Sociologia Norte-Americana

Foi depois da guerra de Secessão que se começou a falar de Sociologia nos Estados- Unidos. A guerra deixou sérios e importantes problemas sociais, principalmente a miséria e a criminalidade..

O que caracteriza primordialmente a Sociologia norte-americana é o seu caráter eminentemente pragmático e analítico, que se atem mais ao terreno da realidade e das realizações práticas.

Foi sob a influência da filosofia social de Hegel, dos princípios de Comte e de Spencer e dos ideais socialistas de Fourier e de Saint-Simon, que se começou a estudar e a fazer Sociologia nos Estados Unidos. Depois essa influência foi substituída por uma tendência psicológica, ainda hoje predominante, segundo Fernando de Azevedo.

A variação que a sociologia encontrou nos Estados- Unidos foi a de se tornar desde logo uma disciplina universitária, espalhando-se rapidamente. Hoje os Estados- Unidos, por isso, contam um número elevado de sociólogos e de pesquisadores sociais. O primeiro curso de Sociologia foi fundado na Universidade de Yale, sob a direção de William Graham Sumner.

Entre grandes cultores da ciência social na América do Norte contam-se:

— Lester Franck Ward, chamado "o mestre dos sociólogos americanos". Sua obra, diz Aquiles Archêro Junior, caracterizada por um monismo e determinismo, recebe, a princípio, a real influência do evolucionismo de Spencer. O objeto principal da Sociologia de Ward é o "human achievement", isto é, o trabalho humano. Não é o que os homens são, mas o que os homens fazem. A sociologia devia ser mais de função do que de estrutura.. Mais dada ao estudo da fisiologia social, do que da anatomia. Entre suas obras desta-

cam-se: "Dynamic Sociology", onde formulou a célebre teoria das forças sociais, de grande repercussão na América do Norte.

— William Graham Sumner — político e historiador, destaca-se por ter sido o primeiro professor de Sociologia nas Universidades americanas. Influenciado pelas doutrinas alemãs publicou "Folkways" (Costumes), estudo sobre hábitos e costumes populares.

— Franklin Giddings — Professor da Universidade de Colúmbia, em New-York. Introduziu na sociologia, discutindo as teorias de Tarde e de Durkheim, o "consciousness of the kind" (consciência da espécie) que é considerado "o fato subjetivo, elementar e original na sociedade." Publicou entre outros "Principles of Sociology" e "The Scientific Study of Human Society".

— Albion W. Small, falecido em 1926. Professor na John Hopkins University. Influenciado pelos princípios político e econômicos alemães com Edward A. Ross. Publicou além de interessantes estudos sobre a história da sociologia na América o "Origins of Sociology".

— Charles H. Cooley. Introduziu na Sociologia o espírito e os métodos psicológicos. Exerce extraordinária influência na América. Publicou entre outros os livros: "Social Organization" e "Social Process".

No grupo dos Partidários da psicologia social contam-se William McDougall autor do "An Introduction to Social Psychology" — Charles A. Ellwood, autor do "The Social Psychology of Human Society", publicado em 1922.

No grupo dos que tentam estabelecer uma sociologia objetiva e quantitativa em oposição aos que se apegam às tendências descritivas e qualitativas destacam-se:

(*Continúa adiante*)

Retalhos Históricos

UM INCONFIDENTE EM CUIABA'

Estevão de Mendonça

(Do Instituto H. e Geográfico)

Escrevi algures, vulgarizando trecho de uma carta inédita do almirante Barroso sobre a memorável vitória de Riachuelo, que Mato Grosso é uma terra de surpresas: quando não brota das suas entranhas a riqueza estonteante do Garças, emergem dos seus arquivos documentos de tal porte que consolidam ajustes internacionais como no tratado de Petrópolis.

Virgílio Corrêa Filho, retrucando ao embaixador Rodrigues Alves, com o brilho que lhe é próprio, pôs à tona a contribuição ocasional no caso. A carta de Leverger, oportunamente posta em mão do presidente Pais de Barros, amainou a oposição que se formava. Interrogado afirmei a minha intenção nacionalista apenas.

Solicitada agora por "Pindorama", a única colaboração de que sou capaz, e vasculhando o meu arquivo falho, não direi que venha á luz outro fato desconhecido. Unicamente pouco sabido de um inconfidente que, por motivos que a história pátria ensina, homiziou-se por algum tempo em Cuiabá.

Aquí, fez-se negociante e advogado, com o nome de Joaquim Jo-

sé Pereira. Era, porém, o padre Domingos da Silva Xavier, ex-vigário de Caeté, Pintangi e Sabará, irmão de Tiradentes. Seu pai, Domingos da Silva Santos, era português, natural da freguesia de Santo André do Codussozo, no arcebispado de Braga, e sua mãe mineira - d. Antonia de Encarnação Xavier.

Do consórcio realizado a 30 de Junho de 1738 vieram cinco filhos, sendo Domingos Xavier o primogênito. Nascido antes ou depois do casamento? Neste ponto a documentação faz pouso pelo emaranhado. Certo, em 1763 requeria ordem de presbítero, e no mesmo ano se tornava capelão na freguesia de N. S. do Pilar. Foi proprietário em S. João d'El Rei, e residiu também em Vila Rica.

Quando chegou á vila de Cuiabá? Preso em 1790, a requerimento de credores, com a grave acusação de comprador de diamantes, no correr do processo fez ao juiz de fóra, de Diogo de Toledo Lara Ordonhez, a revelação de sua identidade, com provas abonadoras de sua conduta. Lara Ordonhez, de integridade comprovada e magistrado de saber, impressionou-se com

(Continúa no fim do número)

AUGUSTO DOS ANJOS

(O poeta macabro)

(De Rubens de Mendonça)

Ele não se filiava a escola nenhuma ; sua escola era a natureza e seu próprio sofrimento.

Magro, tuberculoso, refugiava-se em si mesmo, com receio talvez de ser repellido pelos outros. Nesse ensimesmamento buscava Augusto dos Anjos inspiração para os seus versos.

Via a vida como um vencido, e porisso dizia :

O homem por sôbre que . caiu a praga
Das tristezas do mundo, o homem é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga !

Não crê em nada, pois, nada há que traga
Consôlo à Mágua, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
E' que essa mágua infinda assim não cabe
Na sua vida, é que essa mágua infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;
E quando esse homem se transforma em verme
E' essa mágua que o acompanha ainda !



Rubens de Mendonça

Revoltado, doente e desiludido, essa disilusão, que provinha talvez da moléstia, fazia com que Augusto descesse de tudo, das afeições e do amôr, dizendo sempre :

O quadro de aflições que me consomem
O próprio Pedro Americo não pinta...
Para pintá-lo, era preciso tinta
Feito de todos os tormentos do homem !

E o amor ? Ele o desconhecerá !

Sôbre histórias de amor o interrogar-me
E' vão, é inútil, é improfícuo, em suma ;
Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal ;
O coração do Poeta é um hospital
Onde morrem todos os doentes.

Ou ainda neste outro maravilhoso soneto :

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo.
O amor da Humanidade é uma mentira.
E'. E é porisso que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

E assim sempre desiludido e blasfemando, ele foi o mais macabro dos nossos poetas. A doença influiu de tal maneira sobre si, que o Leopardi brasileiro não poderia dizer de outra maneira a seu respeito senão:

Para iludir minha desgraça, estudo.
Intimamente sei que não me iludo
Para onde vou (o mundo inteiro nota)
Nos meus olhares fúnebres, carrego
A indiferença estúpida de um cégo
E o ar indolente de um chinês idiota!

A passagem dos séculos me assombra.
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:
Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?
E parece me um sonho a realidade.

E assim aos 29 anos da idade faleceu em Leopoldina (Minas Gerais), o único poeta em todo o mundo que conseguira metrificicar a medicina.

Ele dava uns tons funerráios aos seus versos, tudo isso fazendo, disse Agripino Grieco, para se comprometer diante da glória, para dar náuseas aos leitores, para desconcertá-los, afugentá-los com detalhes de enfermaria e necrotério".

Mas, como todo artista reconhecia a ingratidão da arte, dizendo em:

"O MARTIRIO DO ARTISTA"

Arte ingrata! E conquanto em desalento
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,
Busca exteriorizar o pensamento
Que em suas fronetaes células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A Inspiração lhe tarda!
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,
Como um soldado que rasgou a farda
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos!...
E' como o paralítico que, à míngua
Da própria vóz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a língua
E não lhe vem à boca uma palavra!

Na solidão nostálgica da Serra, afastado do Povoado, erguia-se o engenho do "Glória," com seu casarão de vastas salas e varandas silenciosas, sua capelinha, suas enormes senzalas, apinhadas de escravos, sua moenda, casa de purgar, fornalhas, paiol e mais dependências.

Era um dos primeiros estabelecimentos daquele tempo quando a velha

perera de maneiras quando se lhe antolhava descobrir qualquer falta ou deslize dos que a cercavam. Reinava, por isso, no "Glória" um regime de severa fiscalização, que tornava o "engenho" respeitado, havido, entre os estabelecimentos similares, como um dos mais ordeiros e moralizados.

Foi, pois, com surpresa que D. Luisa, naquela tarde branca e fria, re-

A volta da tropa

JOSÉ DE MESQUITA

Da Academia Matogrossense de Letras

"serra-acima" florescia em engenhos e sítios, qual mais próspero, qual mais rico, tornando-se aquela região privilegiada como que o celeiro da capital, a zona dos "senhores de engenho" que eram os homens de melhores cabedais e maior prestígio na época, pois, como bem frisou Antonil, "bem se póde estimar no Brasil o ser senhor de engenho, quanto se estimam os títulos entre os fidalgos do reino."

Tendo pertencido ao Capitão Antônio Leite do Amaral Coutinho, o "Glória" via agora garrular nos seus velhos paredões os netos daquele rico senhor, filhos da sua filha Rosa, casado com João Fernandes de Mello, que ali ficara á testa da propriedade

Com eles vivia ainda a segunda esposa, ora viuva de Amaral Coutinho. Dona Luisa, senhora de rara energia, dotada de atributos másculos de mando, que a tornaram respeitada da família e dos agregados e temida de numerosa escravaria. Duas vezes por ano descia a velha "Dona" com filha, genro, e netos, sequito de creoulas e negros, no seu rico "banguê," para assistir ao Natal e á Semana-Santa na cidade.

Ficava sempre duas semanas fóra, com uma parada na Chapada onde tinha casa, sendo acolhida com grandes expansões de alegria pelos moradores da vila. Era D. Luisa de ameno tratar com os da sua igualha, sendo, porém, inflexível com os que discrepavam da linha do dever, tornando-se mesmo ás-

cebera, no seu quarto, estranha confissão, vertida entre lágrimas, da sua escrava de estimação e afilhada, Brites Maria, guapa creoula de seus quinze anos floridos, e o braço direito da "sinhá-velha".

Era ela quem lhe preparava o guaraná, de madrugada, raladinho na hora, e trazia o em copinho de cristal, e salva de prata, feito com água fria apanhada no córrego á véspera, á meia luz do entre dia. Ela quem lhe grossava a palha para os cigarros quem lhe preparava a orchata, tudo com inescusáveis mimos e cuidados de filha. D. Luisa, ciosa em pontos de honra, despediu Brites de todos esses encargos e fê-la substituir pela Andréza, negra beicuda e feia, como que para dest'arte ainda mais vexar a pobre moça. F mandou que ela fosse para o éito, trabalhar no corte de cana, tendo, a muito empenho da filha, que se condôera da súbita degradação, da rapariga, consentido que visse para o serviço da cozinha.

A criança nasceu pela anunciação do outro ano e recebeu, por isso, o nome de Gabriel. Era um menino forte, branco e mimoso, o que levava as parceiras de Brites a conjecturar mil coisas contra a infeliz criatura, de quem, entretanto, ninguem conseguira arrancar o nome do autor de sua desdita.

Ora, por esse tempo, andava a "tropa" do engenho para a Côrte, tendo seguido com ela o último filho de D. Luisa, Joaquim para fazer os seus estintos de medicina. D. Luisa, esperava, ansiosa, o regresso da tropa, que lhe trazia novas do filho do «caçula» querido, o predileto da sua aflicção. Na noite de São João se detivera até mais tarde a conversar no varandão com o genro e aí por volta de dez horas, tomando o castiçal de prata numa das mãos e sustendo com a outra a manga de vidro, deu as boas-noites a João Fernandes e desceu os degraus que levavam, através de um longo corredor escuro, aos seus cômodos. O inverno entrara rijo e o sul assobiava pelas frinchas das portas e janelas do vasto casarão silente e adormecido. D. Luisa fez as suas orações e esteve ainda, por algum tempo banzando sem sono, a se embolar na rede lavrada. Depois foi apagar a vela e deitou-se para dormir. Daí a pouco, a filha, cujo quarto ficara na outra extremidade do vasto e longo corredor, ouviu-lhe a voz autoritária, e forte, desta vez trêmula e num fio: — João Fernandes! João Fernandes!

Acudiram assustados filha e genro, e deram com a velha que, de pé, no meio da câmara quasi escura, feições alteradas, mal podia falar. E quando voltou a si do espanto, lhes contou que em bem se acomodara e antes que o sono o tomasse, ouvira uma voz — a voz de Joaquim; perfeita e clara — que lhe disse, repetindo por mais uma vez: Forra Gabriel! Sem saber o que significaria aquela ordem tão imperativa e formal, no dia seguinte D. Luisa fez partir um «próprio» para a cidade, donde com pouco vinha a seu pedido a escritura de alfórria do filho de Brites.

* * *

Três meses depois chegára a "tropa" de volta da Côrte. Entrou no terreno do engenho já quasi ao escurecer. De longe, porém chamára a atenção a maneira pela qual se aproximava: silenciosa, sem o habitual chocalho dos sincerros, que sabiam acordar, com suas álares campainhadas, os ermos serranos.

As «madrinhas» vinham cobertas de crepe e não lhes via as cabeçadas de prata brunida relampiar ao sol mórrente do ocaso, nem arreios dos tropeiros, nem a boneca da «Guia», nem os gritos vibrantes dos «tocadores» a pé, cada um á testa do seu lote. Que seria aquilo? A Dona Luisa pulsou-lhe, num rebate improvisado, o coração. Adiantou se, num hausto, ofegante até ao meio do terreiro, onde, sôbre grandes couros lavados secava o assucar da véspera.

— Nicomedes o que é isso? Que notícia traz do meu filho?

Um segundo de silêncio, de angústia, de tortura infinita... Ninguém ousaria falar. O terreno, a varanda aberta se encheram do pessoal do engenho; curioso e febricitante de ansiedade.

— *Seu* Joaquim — tatibiteou trêmulo o tropeiro, tirando o chapeulão de aba larga — *seu* Joaquim, *sã* Dona, morreu. Não se ageitou com «a clima» da Côrte. Pegou a amarela, na chegada, e foi-se ao cabo de tres dias...

— Que diz, Nicomedes?

— Na noite de São João... Um grito convulso partira do Grupo que, no oitão da casa, aguarda o desfêcho daquela cena. Corre que corre, apanha agua, flôr de laranja, uma confusão enorme...

E enquanto a velha entrava para a varanda, nos braços da filha soluçando, os escravos carregavam, desmaiada, para senzala, a pobre Brites, que, ao ouvir as palavras do Tocador, caíra para traz, hirta, feita morte, completamente inerta e fria.

Do livro a publicar "No Tempo da Cadeirinha"

.....

“Na mocidade repousa a grande fôrça que moverá o mundo”.
PINDORAMA é o exemplo dessa fôrça na gente nova de Mato Grosso.

CENAS e RELATOS

LIBERATO DISCUTIDOR

Liberato Torquato é o seu nome. A analogia que tem com o rato não está só na rima e na mesma conformação craneana, mas, também na identidade sintomática de funções: o rato roi, Liberato discute. Sim, Liberato discute. Incapaz de examinar serenamente os fatos, entralogo gesticulando, pondo-nos na condição de adversários. A gente pode concordar com êle: Está certo, seu Liberato, o Sr. tem razão, seu Liberato. Mas, não adianta. Puxa imediatamente outro assunto e entra em discussão. Já se tentou definir esta atitude do Liberato como cabotinismo. O cabotinismo é, porém, moléstia dêste século. e o Liberato tem mais de 50 anos. Deve ser mania...

Em geral, os primeiros a se aterem com o Liberato são esses pobres diabos que lhe trazem os alimentos diários. O Liberato vê chegar uma dessas figuras humanas, com passo lerdo, indiferente, apesar de estar quási fóra de hora. Não se contem:

— Venha cá, rapaz. Você sabe que nunca será nada na vida?

— Desconfio..

— Desconfia, não. Você devia ter certeza disso. Quem trabalha com essa moleza, nunca poderá ser nada. Mais eficiência, rapaz!

Quer um conselho? Torne-se desejado, trabalhando.

— Não adianta...

— O' fatalismo! Não adianta!

E Liberato punha na vóz uma tristeza de apóstolo, como se as palavras do padeiro representassem a Inércia da sua raça, que era



imprescendível combater. Depois:

— Você conhece Mussolini?

— Um que derrubou "o Abissínia"?

— Êsse mesmo. Era um simples operário, e hoje governa um dos maiores povos da terra...

E Liberato ia proseguir, mas a Inércia, de balaio ao ombro, já se ia esgueirando, certa de que estava á frente da Loucura...

**

— Bom dia, seu Liberato.

— Que bom dia, menino! Isto já são quasi duas horas. Boa tarde! Largue de estar imitando os franceses. Vocês vêem tudo por alto, atrapalham tudo. Olhe como fazem os ingleses. Observam as mínimas cousas, dão o seu valor a tudo. Enfim, são um grande povo. E nós?

— Nós somos ainda muito crianças...

— Mas, é em criança que se aprende. Faltaram-nos de certo educadores. Que são os portugueses, que fizeram por nós? Nada. Comparemo-nos aos Estados Unidos, que tem a nossa idade. Que é isso? Diferença de cultores...

— Mas, quando o filho tem talento, abandona a rotina dos pais, e faz-se..

— Já vem você com bobagens. Faz-se como? Você já viu jabotí em galho de pau? Se já viu é porque alguém o pôs lá. Ele por si só não subiria...

— Lá isso...

— Pois é. Como poderíamos subir, se os nossos colonizadores sugaram tudo quanto tínhamos, deixando nos só defeitos? Por exemplo: você, porque ainda não foi hoje ao trabalho?

— Nós...

— Sim, nós, porque estamos atrasados quasi uma hora? Culpa dos nossos antepassados, que nos legaram a impontualidade...

— Nesse caso, vamos corrigir-nos. Ao trabalho! Adeus!

— Olhe, você acredita na minha experiência?

— Oh! de certo.

— Somos um povo infeliz..

* * *

Liberato, apesar de filósofo, é funcionário público. E máu funcionário. Um dia apareceu-lhe uma "parte", em busca de certo processo.

— Não está comigo.

— Perdão, mas, o Protocolo informou-me que sim.

— Francamente, meu amigo, admira-me o Sr.. Então o Protocolo não podia informar cousas erradas?

— Nesse caso, há de convir que o serviço da Repartição está muito mal organizado...

— Mas o que é que nesta vida anda bem organizado?...

— Desculpe-me. Vou informar de novo.

Daí a pouco o homenzinho volta novamente, já meio zangado.

— Está consigo—disse, reprimindo a voz.

Liberato deixou entrever uma fileira de dentes cariados.

— Então, o Sr. a teimar! Ah! a minha campanha contra os defeitos dos brasileiros!

— Ah! O Sr. é contra os defeitos dos brasileiros? Então vai conhecer mais um. Toma!

Foi um sôco duro, sêco, que rebentou quatro dos pobres dentes do Liberato.

Cousa estranha! Liberato, que sempre fôra tão loquaz, modificou-se. Passou a ser mesmo bastante corcunspécto. Também com aquela falta de dentes...

H. MENON

Ilustração de J. Baptista.

PINDORAMA é uma afirmação de cultura.

Tobias Barreto

Conclusão da página 3a.

cidas, trouxe com o alemão as últimas novidades científicas da Europa.

A rebeldia do seu espírito, necessária no tempo que viveu, a violência com que combateu a ignorância, o pedantismo e a meia-ciência, tornaram-no perfeitamente desajustado do meio. Não se submetendo às tôrças poderosas das coisas aceitas e aos imperativos dos princípios consagrados, Tobias encontrou na polêmica a arma para combater os vícios do meio. Foi sua arma mais poderosa e mais decisiva depois da cátedra, e com ela pôde o autor dos "Estudos Alemães" revelar-se como a mais perfeita organização intelectual que o Brasil já teve. Morrendo apenas com 50 anos deixou no entanto uma obra vasta que só podia ser composta por um espírito privilegiado. Sem a polêmica muitas dessas páginas, hoje célebres, não seriam escritas, principalmente os estudos sobre Meyerbeer, na polêmica com Tannay; a questão de *self government*, com José Higino, como também os notáveis estudos sobre a Bíblia em diferentes ocasiões, como na polêmica com os padres do Maranhão.

O significado da sua obra, ainda hoje não está perfeitamente determinado, mas pôde-se dizer que ela arastou o Brasil para um outro caminho, abrindo-lhe os olhos para o mundo. No primeiro centenário do seu nascimento não

será demais dizer como Ernst Haeckel que êle pertenceu à raça dos grandes pensadores e dos grandes trabalhadores, e, que legando esse patrimônio cultural ao Brasil é digno das homenagens mais sinceras e mais expressivas que se tributa aos grandes homens.

A SOCIOLOGIA NORTE-AMERICANA

Conclusão da 16a. pág.

— Emory Bogardus, professor da Universidade de Southern California e autor de uma esplêndida "Introduction to the Social Science"

— Pitirim A. Sorokin, notável sociólogo russo hoje refugiado nos Estados-Unidos, defendendo, não dizer de Miranda Reis, a tese do behaviourismo (de behaviour-comportamento) sociológico e autor da obra fundamental em Sociologia "Social Mobility", que é uma revisão do conceito de classes sociais.

Assim na Sociologia norte-americana encontramos as seguintes correntes:

I—Antropo sociológica, com Lester Ward, Small e outros.

II—Psicológica individualista (psicologia social.) A mais importante e que quasi domina o movimento sociológico norte-americano. Destacam-se nesta corrente: McDougall, Ellwood, Giddings, etc.

III—Objetivista-realista com Sorokin á frente.

Cooperar com "PINDORAMA" é elevar o nível da intelectualidade matogrossense. Revista moça é uma vibrante prova da vitalidade do pensamento do Oeste.

Movimento Literário



**A CIDADELA — A. C. Cronin —
Trad. de Genolino Amado — Ed.
J. Olímpio — 1939**

A literatura inglesa é evidentemente a literatura do século XX. O que há principalmente nela é uma eclosão espantosa de grandes autores e de grandes livros. Ainda recentemente a editora José Olímpio deu ao lume da publicidade a excelente tradução do romance de um médico, "A Cidadela", de A. J. Cronin.

O que há neste livro de espantoso é o seu sentido fortemente humano, a vida real, palpitante, a vida sem literatura. As pequenas tragédias quotidianas que envenenam o restinho de alegria e de felicidade que a vida pôde dar são nesta autobiografia magistralmente descritos. A história é simples: Um rapaz, Andrew Manson, recém-formado em Medicina vai começar sua vida numa humilde povoação de mineiros. Daí começam as suas lutas. Por um lado tinha que vencer o pessimismo do meio como o de um colega, e por outro vencer a desonestidade, os crimes, os abusos dos profissionais sem pudor. Casa-se e lentamente vai mudando de situação como também aceitando os princípios dos outros seus colegas. Desaparece por completo o jovem médico cheio de ideais e de princípios. Depois de uma série de aborrecimentos e da morte de sua mulher ele se regenera, e o ro-

mance termina quando recomeça a vida interrompida pela avidez do profissionalismo.

O autor de "A Cidadela", Archibald James Cronin, é o tipo perfeito do homem que escreve porque tem alguma coisa para dizer. Não era literato. Médico, observando a Vida na sua nudez anti-literária, um dia ele julgou que podia escrever sobre coisas reais, sobre fatos vividos. E assim fez. Publicou "Hatter's Castle", "Three Loves", "Grand Canary", "The stars Look Down" e ultimamente "The Citadel". Foi um sucesso. Os seus livros não obedecem correntes literárias, nem quer com eles conquistar glórias. Sua preocupação fundamental é mostrar a realidade da vida. Se tem defeitos, diz Genolino Amado — seu tradutor brasileiro, — são os defeitos esplêndidos, tocantes, irredutíveis, e até mesmo indispensáveis da própria vida.

**TAVARES BASTOS — Carlos Pontes —
Colecção Brasileira — 1939**

O livro de Carlos Pontes é o primeiro trabalho sério em torno da personalidade de Tavares Bastos. O eminente publicista muito te po esquecido, renasce nesse livro carinhoso de um alagoano escrevendo sobre um grande homem da sua terra.

O trabalho sério e sereno permite fazer erguer das brumas do passado não só Tavares como toda uma época. O livro vale como um incentivo ao estudo e ao conhecimento da obra deixado pelo eminente publicista alagoano. Espírito realista e desde cedo inclinado aos estudos brasileiro, os seus trabalhos: "Cartas do Solitário", A "Província" etc. são esplêndidos repositórios de conhecimentos, de serenidade e de patriotismo. Morrendo muito cedo deixou uma obra que constitui excelente índice da cultura nacional, se não apresenta apenas um caso isolado de estudo e de perseverança. A grande vantagem da obra de Tavares Bastos está justamente em lançar opiniões para o futuro, e, ainda hoje, encontramos nelas soluções para muitos dos nossos problemas.

O livro de Carlos Pontes representa roteiro seguro para outros estudos em torno da vida do Solitário da Tijuca.

TOBIAS BARRETO — a época e o Homem — Hermes Lima — Coleção Brasileira — 1939

Neste ano de comemoração dos centenários dos grandes homens, as biografias têm um grande valor, principalmente quando representam contribuições sérias em torno da vida, da época, e dos atos dos homens. Neste momento em que a biografia é verdadeira mania literária a começar pelos Ludwigs, Zweigs e Maurois, o livro de Hermes Lima sobre Tobias é a mais interessante contribuição para se comemorar o centenário do sábio de Escada. Biógrafo e biografado, Tobias e Hermes Lima assemelham-se em certas atitudes de combate contra males que impedem a marcha do pensamento nacional acompanhando as correntes modernas do mundo. Ambos professores; ambos espíritos livres e combativos representam algo de sério no pensamento nacional. É por isso que Hermes

Lima tratou com carinho quasi filial o mestre da Faculdade de Direito de Recife, mostrando-nos aquele Tobias humano que encheu uma época como a mais curiosa organização intelectual brasileira. Homem e época são aqui considerados para mostrar ainda mais o valor de Tobias combatendo a rotina, a meia ciência e os conhecimentos de oitava num tempo e num lugar onde a rotina e a meia-ciência eram atestados suficientes para formar grandes homens. Tobias representa um caso raro no Brasil: o da coragem intelectual. Dizia, escrevia, comentava dentro dos seus princípios, ainda que contra eles levantasse uma Faculdade ou uma nação.

Os seus livros são atestados eloquentes dessa sua posição. Neles encontramos na coragem da afirmação a força do pensamento. Tobias deve ser um símbolo e um exemplo para os que pretendem a verdade da ciência às conveniências de ordem privada, para todos os que pretendem sacrificar-se em benefício da realidade. Combatido no seu tempo e ainda hoje é, no entanto, eleva-se cada vez mais para os que sabem compreender o alcance dos seus combates e a força da sua inteligência. Em todo caso ele ilustra aquele pensamento de Anatole France: "O talento é a coisa que menos se perdôa", porque "há no talento um insolência, que se espia pelos ódios surdos e as calúnias profundas."

A FILOSOFIA NO SÉCULO XX Heinz Heimsoeth — Tradução de Cabral Moncada — Livraria Acadêmica — 1938

Este pequeno volume que faz parte da última edição do clássico "Lehrbuch der Geschichte der Philosophie" (Tratado de História da Filosofia) de Windelband, traduzido para o português tem um valor inestimável. Este livro sacode dois erros fundamentais. Por um lado desmente os que julgam

que em Filosofia tudo já ficou dito pelos gregos, e por outro mostra que na vida moderna tão dinamizada ainda há um importante lugar às investigações puramente filosóficas. Decaída no final do XIX século, quando era considerada apenas no campo histórico, a Filosofia neste comêço do século XX teve que tomar uma atitude decisiva e combativa diante da concepção científico-natural do mundo, ou do Naturalismo. No século anterior ela viu-se comprimida entre o monismo, segundo, Haeckel, e o materialismo histórico proposta por Marx nas páginas do "Das Kapital". Novas experiências, como também novos problemas vieram remoçar a investigação filosófica. Cohen, Natorp, Cassirer, Windelband, Lask, Bauch, Husserl, Hamelin, Milhaud e outros vieram combatendo os erros antigos estabelecer um novo traçado, um novo plano de ação, uma nova sistemática para a filosofia. O novo retorno filosófico deve ser feito da contemplação dos *conceitos* para a contemplação das *coisas* na intuitiva imediatidade com que nos são dadas convertido esse retorno em tendência fundamental do nosso tempo, impele igualmente os espíritos na mesma direção.

"Por toda parte o caminho é êsse: do Sujeito para o Sêr, da Teoria do Conhecimento e da Psicologia para a "Teoria do Objeto" (MEINONG) e daí, indo mais longe, para a Ontologia." Juntos dos novos problemas do Conhecimento aparecem novas discussões em tôrno da Realidade e a questão do Homem e da História.

Foi uma ideia feliz da Livraria Saraiva traduzindo êsse estudo de Heimsoeth.

NOVIDADES LITERÁRIAS

A Editora Vecchi do Rio acaba de apresentar dois autênticos sucessos de livraria. "Vila de Santa Luzia" de Omer Mont'alegre e "Os moedeiros falsos" de André Gide, em tradução de Alvaro Moreyra.

O romance do jôvem escritor brasileiro é uma contribuição excelente para a literatura nacional. Retrutando um "vilório" do interior, com as suas coisas mesquinhas e seus pequenos acidentes Omer Mont'alegre é feliz e é humano, o que já é alguma coisa em literatura.

F. Briguiet & Cia. lançou "Ensaio, críticas e Perfís" de Miguel Osório de Almeida.

Na Coleção Brasiliana: "Euclides da Cunha e seus amigos", de Francisco Venâncio Filho. V. Corrêa Filho publica — "Alexandre Rodrigues — Vida e obra do grande naturalista brasileiro". De Humberto de Campos — "Fragmento de um Diário".

Em edição da Imprensa Oficial Matogrossense apareceu o discurso que o presidente da Academia Matogrossense de Letras, José de Mesquita, pronunciou ao tomar posse da sua cadeira de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Um inconfidente em Cuiabá

Conclusão da página 17a.

a declaração, que constituia a seu vêr atenuantê.

Nem outra significação comporta a carta que enviou ao capitão-general, detalhando o caso. A justiça reinól, entretanto, era implacável, além disso, ser irmão de Tiradentes era crime máximo. Conduzido em custódia até Lisboa, foi expulso da comunidade, declarado co réu da Inconfidência e degredado para Maçangano, em Africa.

Tão criminoso, disseram os ouvidores de justiça "que fugiu e despiu a batina, que o poderia proteger".



PINHEIRO & CIA.

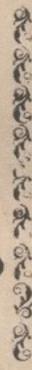
Livraria Sta. Terezinha

Livros de autores nacionais
e estrangeiros.

Artigos de escolares e de escritório

Praça da República, 20

CUIABA'



BAR JARDIM

O ponto preferido da sociedade
cuiabana

Esmerado serviço de bar
e sorveteria

ÓTIMOS BILHARES

MATO-GROSSO

Irmãos Miraglia

Casa de artigos finos para homem

JOIAS – RELÓGIOS – ÓCULOS

RUA 13 DE JUNHO N. 104

TELEFONE 244



PINDORAMA

— Revista de crítica e literatura —

DIREÇÃO : GERVÁSIO LEITE, J. B. MARTINS DE MELLO E
RUBENS DE MENDONÇA

EXPEDIENTE

Redação : Rua Comte. Costa, 101 — Telefone 42

TABELA DE PREÇOS : ASSINATURAS

	CUIABA'	FÓRA
Anual	45\$000	55\$000
Semestral	24\$000	28\$000
Mensal	4\$000	5\$000
Número avulso	2\$000	3\$000

Tôda e qualquer correspondência deve ser dirigida á Redação.
Os originaes, publicados ou não, não serão devolvidos.

NOTAS IMPORTANTES

As pessoas desta capital que receberem o presente número, e não nô-lo devolver no praso de 5 dias, serão consideradas assinantes de "Pindorama".

Dada a pressa com que foi composto e impresso êste número de "Pindorama" escaparam á revisão alguns erros, pelo que pedimos excusas aos nossos leitores.